

# Estudo da Universidade de Coimbra revela: Mais de um quarto das portuguesas são totalmente dependentes dos companheiros

***Mais de um quarto das mulheres portuguesas são inteiramente dependentes do rendimento dos seus companheiros, de acordo com um estudo da Universidade de Coimbra que avaliou a dependência da população feminina. Realizada pelo Centro de Estudos Sociais em 2006, a pesquisa baseou-se na análise do Inquérito ao Rendimento das Famílias do Instituto Nacional de Estatística (INE), sendo, por isso, representativa da população portuguesa.***

A autora do estudo, Lina Coelho, considera que a tendência de longo prazo aponta para uma diminuição do número de mulheres dependentes, mas su-

blinha que, nos últimos anos, não tem havido uma redução. “Há cada vez mais mulheres a desejar e a concretizar o desejo de ter uma actividade remunerada. Contudo, tendo em conta a crise económica dos últimos três ou quatro anos, há o risco de desaceleração da melhoria da situação económica das mulheres”, afirma Lina Coelho, investigadora da Faculdade de Economia, adiantando que o aumento do desemprego está a afectar mais as mulheres do que os homens.

Segundo dados do INE relativos a 2007, mais de 2,8 milhões de mulheres portuguesas encontram-se inactivas, um número que não abrange as desempregadas. Daqueles 2,8 milhões quase 10 por cento (225 mil) têm entre 25 e 44 anos. Do total de inactivas – incluindo aqui estudantes, domésticas e reformadas –, mais de meio milhão são donas de casa.

No entanto, entre as que trabalham também podem existir casos de dependência económica parcial relativamente aos companheiros, uma vez que continuam a registar-se discrepâncias acentuadas no rendimento médio mensal de mulheres e homens. Efectivamente, dados do INE referentes a 2007 revelam que os homens ganham, em média, mais 137 euros do que as mulheres, uma diferença que aumenta com a qualificação profissional.

Entre os quadros superiores da Administração Pública e dirigentes de empresas, as mulheres ganham, em média, 1.396 euros, menos 345 do que os colegas do sexo masculino. Já nas profissões intelectuais e científicas, são penalizadas em 296 euros e quando se trata de trabalho não qualificado, a diferença fica-se, em média, pelos 134 euros.

Embora tenha vencimentos

mais baixos, a população feminina é mais qualificada do que a masculina. No último trimestre de 2007, mais de 430 mil mulheres com formação superior estavam integradas no mercado de trabalho, para apenas 311 mil homens.

“Apesar da maior qualificação das mulheres, as diferenças salariais têm tido tendência a manter-se no tempo, sendo uma realidade muito mais marcante no sector privado. Não vejo perspectivas de que se estejam a esbater”, afirma Lina Coelho.

Para a investigadora da Universidade de Coimbra, o facto de as mulheres continuarem a assegurar quase em exclusivo as tarefas de apoio à família faz com que sejam “mais ausentes do trabalho e que tenham mais quebras na sua prestação”, o que acarreta “custos para os empregadores e se reflecte no seu salário”.

Por semana, os homens es-

tão no emprego, em média, 37 horas, mais quatro do que as suas colegas, segundo estatísticas do INE. Entre os que passam mais horas no local de trabalho (41 ou mais), quase 600 mil são homens e pouco mais de 280 mil são mulheres.

Para Lina Coelho “seria preciso que a sociedade no seu todo mudasse bastante, com uma partilha efectiva de tarefas domésticas e familiares, para esbater a diferença a nível salarial e de disponibilidade para o trabalho”.

Actualmente, mais de metade das tarefas domésticas continuam a ser realizadas exclusivamente pelas mulheres, sem ajuda dos maridos ou companheiros, que desempenham sozinhos apenas 17 por cento dos trabalhos em casa, de acordo com um estudo do Instituto de Ciências Sociais, divulgado em Setembro do ano passado.